

BOTICAS (Covas do Barroso)

Covas do Barroso é uma freguesia do concelho de Boticas, distrito de Vila Real. A igreja de Santa Maria dista cerca de 20 km a sudoeste da sede do concelho. Sair de Boticas pela rua Gomes Monteiro, na rotunda sair na primeira saída para a rua Camilo Castelo Branco/R311. Seguir na estrada R311 durante 15 km depois virar à esquerda para a estrada M519; cerca de 4 km depois seguir pela rua Cimo de Vila e continuar pela estrada CM1047, virar à direita para a rua Acúrsio Amândio de Castro e a igreja de Covas do Barroso encontra-se cerca de 100 m à frente do lado direito.

O enquadramento da igreja de Covas do Barroso é rural e isolado, rodeado de campos de cultivo e algumas habitações dispersas estando, portanto, implantada numa plataforma sobre-elevada relativamente à estrada, junto do cemitério e do Passal da aldeia. A freguesia de Covas do Barroso situa-se num vale entre a serra da Sombra e a serra do Pinheiro a uma altitude de cerca de 500 m. Possui dois cursos de água, o rio Covas e o seu afluente, o rio Couto.

A ocupação humana da região remonta ao período da idade do ferro, conhecendo-se diversos castros. Os lugares de Cabanelas e São Martinho ter-se-ão extinto em meados do século XVI, por motivos de peste. Covas do Barroso era abadia da apresentação da Casa de Bragança. Administrativamente, a freguesia de Covas do Barroso transitou do concelho de Montalegre para o de Boticas, em 1836. Eclesiasticamente, pertence ao arcebispo de Boticas e à diocese de Vila Real, desde 1922.

Igreja de Santa Maria

A IGREJA ROMÂNICA DE COVAS DO BARROSO existia já no século XIII. Nas Inquirições de 1258, Martinho Martins, tabelião e abade da igreja de Santa Maria de Covas, declara que o rei era o patrono da paróquia. No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino (1320), a igreja de Santa Maria de Covas, na Terra de Barroso, foi taxada em 180 libras. Trata-se de um valor elevado no contexto das igrejas desta Terra, apenas suplantado pelas igrejas de Santa Maria de Salto, a de Cervos e a de São Pedro de Cerva, taxadas em 200 libras cada uma. O mosteiro das Júnias foi taxado em 275 libras.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja de Covas do Barroso era dedicada a Santa Maria, tinha cinco altares e "a igreja não he de naves, a capella maior he de abobada de pedra que representa ser muito antiga. No corpo da igreja esta huma sepultura levantada e metida com hum arco na parede de costan da parte do sul que he hum caixam de pedra posto in cima de dois liões de pedra. E por cima tapado com uma pedra que tem em vulto a figura do homem que nella se sepultou e defronte hum epitafio gravado em huma pedra de letras góticas em vulto e levantados que dizem: Aqui jaz Affonso Annes Barroso

o qual foi muito honrado escudeiro do Duque de Bragança filho de el rei Dom Joam e finou-se no anno do senhor de [MCCCC : IX] ano que segundo o que me parece sam mil L : IX (sic)". Trata-se do túmulo de Afonso Eanes Barroso, escudeiro de D. Afonso, primeiro duque de Bragança. Apresentando figura jacente, responde plasticamente ao gosto que durante o período gótico se disseminou ao nível da prática da tumulação de aparato.

Um adro de terra batida, arborizado e murado, envolve a igreja de Santa Maria de Covas do Barroso. Fecha-o um portão em ferro forjado, a que se acede por escada. No muro, diante da igreja, encaixa-se a torre sineira isenta. Obra da época moderna, é composta por uma edícula, a meia altura e marcada por friso, onde encontramos uma imagem de Santo Ildefonso.

Orientada, esta igreja, apesar de muito transformada, afirma-se pelo caráter aparentemente contido das soluções adotadas. Tal, deve-se à sua escala e volumetria, mas também ao tipo de aparelho que a enforma. Assim, em termos planimétricos, estamos diante de um edifício longitudinal, composto por nave única e cabeceira retangulares. Apesar de mais estreita, esta última apresenta praticamente a



Perspetiva geral da igreja a partir de sudeste



Alçados oeste e norte

mesma altura que a nave. Uma empena angular sobrelevada, ou seja, erguida acima do nível da cobertura da nave, define a separação exterior entre a cabeceira e o corpo da igreja, como que prolongando para lá desta o arco triunfal. Apesar da afirmada tendência verticalizante da nave e da cabeceira, convém notar a presença de um corte criado pelo falso transepto e que resulta da justaposição ao corpo da nave de duas capelas quadrangulares que com ela vão

comunicar através de amplo arco de volta perfeita, mas de matriz clássica. Ambas resultam de uma intervenção realizada durante a época moderna, tal como é da mesma época a edificação da sacristia que, a sul, se adossa à capela e comunica com a igreja através da cabeceira. As coberturas exteriores são compostas por telhados de duas águas, tanto na nave, como nas capelas transversais. Na capela-mor e na sacristia optou-se por uma cobertura de três águas. Se

na nave a cobertura interior é em madeira, já na cabeceira, denunciando o caráter tardio da edificação da igreja, é em abóbada de cruzaria de ogivas. Por fim, o aparelho da igreja caracteriza-se por alguma uniformidade. Em granito, formando fiadas pseudo-isódomas, tanto o corpo da nave e cabeceira, mais antigos, como os das capelas e sacristia recorrem a este material para edificação. A diferença de grão, o tratamento da esquadria e as soluções dos elementos decorativos é que nos permitem aferir a diferença de estaleiros que laboraram em Covas do Barroso.

É no alçado este, ou seja, na parede fundeira da cabeceira que se encontra o elemento românico mais complexo da igreja. A fresta que a rasga e permite a iluminação do interior da abside a partir de este, é composta por uma arquivolta lisa, formada por aduelas bem esquadriadas, e rematada por arco envolvente ornado interiormente com círculos encadeados que encerram cruzeiros e, exteriormente, por um friso ziguezagueante. Este arco envolvente apoia-se diretamente sobre as impostas, sendo a do lado sul decorada com meias esferas e a do outro lado com um motivo ziguezagueante idêntico ao da arquivolta. Duas colunas com fuste liso e cujos capitéis ostentam decoração vegetalista, bastante túrgida, tendo o do lado direito ainda esculpida uma pequena máscara, completam o conjunto. Na parte inferior desta fresta vê-se uma mísula classicizante, seguramente obra da época moderna, que em tempos ostentou uma imagem de Nossa Senhora coroada com o Menino. Resultado de uma intervenção que visou converter a fresta em nicho, acabou a imagem por ser removida durante uma obra de restauro feita pela DGEMN depois de 1965. O cuidado posto na nobilitação desta fresta entende-se por um lado, pela sua localização litúrgica. Igrejas como a de São Martinho de Cárquere (Resende) são disso exemplo. Contudo, atendendo à implantação da igreja, não podemos ficar indiferentes que esta fresta se volta à estrada que permite o acesso à igreja e seu adro, o que poderá justificar também a sua monumentalização e, também, a sua conservação aquando das transformações feitas e que incidiram ao nível do exterior na fachada oeste.

Esta elaborada fresta é, ainda, encimada por uma outra pequena fresta retangular, idêntica às dos alçados laterais da cabeceira. Uma profunda cornija de resalto remata todos os alçados da cabeceira que cachorros sustentam nas suas três faces. Mais comuns nos alçados laterais, convém notar que é raro encontrarmos cachorros a sustentar a cornija nos alçados este das cabeceiras. Acusando o seu perfil um caráter tardio, há aqui cachorros lisos, outros ostentando motivos geométricos como as estrias ou os pipos, e outros ainda convocando cabeças de animais. O mesmo esquema prolonga-se pelos alçados laterais da nave, onde se repete a

norte e a sul o mesmo recorte ao nível da fresta retangular com alargamento para o exterior. Portais de verga reta e isentos de decoração permitem o acesso ao interior da igreja a partir de norte e sul.

A fachada oeste, contida, mostra um arranjo que é fruto da campanha realizada durante a época moderna. A análise atenta do aparelho dos alçados da nave indicia a presença de uma subtil cicatriz. Muito embora haja um prolongamento da cornija e da cachorrada, a presença desta cicatriz, a diferente solução usada ao nível do embasamento e a existência de um janelão retangular gradeado no lado norte da igreja, ou seja, adotando uma solução um pouco diferente daquela a que se recorreu nas frestas da cabeceira, permitem-nos conjecturar se ocorreu uma possível ampliação do corpo da nave para oeste ou, então, se ocorreram interrupções ao nível da construção da igreja, o que se nos afigura mais provável. A ser assim, compreende-se os ligeiros desajustes que se acabou de identificar. A fachada oeste é dominada por uma nova linguagem. Contida, é rasgada por portal de verga reta e óculo sob empena triangular.

O interior da abside é bastante peculiar. Além de ser um espaço coberto com abóbada de cruzaria de ogivas, este apresenta-se totalmente revestido a pintura mural organizada em registos com suas quadrículas, que Paula Bessa e Luís Urbano Afonso balizaram entre 1528 e 1540. A pintura envolve, na parede fundeira da abside, as frestas que a iluminam, uma de cada lado. A fresta monumentalizada exteriormente, que ilumina a igreja a partir de este, assume aqui o papel de nicho. Dois colonelos, cujas colunas foram picadas, sustentam uma arquivolta sem qualquer motivo decorativo. De notar que nas bases das colunas se conservam dois elementos ornamentais. Num dos plintos vemos o motivo ziguezagueante e no outro o tema dos quadrifólios.

No interior, a nave apresenta-se caiada de branco, apenas se destacando o granito nas molduras dos vãos, na pia batismal e nas pias de água benta. De notar, contudo, que o último terço da nave, ou seja, aquele que está mais próximo do arco triunfal e a parede que o envolve mostram granito aparente e vestígios de pintura mural, que aqui se identificaram. Além disso, embora de feição classicizante, o arco triunfal surge polícromo, dando-nos uma impressão de como o interior das igrejas nas épocas medieval e moderna apreciou a policromia dos espaços.

Próximo deste, no lado da Epístola, destaca-se o já referido arcossólio, em arco quebrado, contendo arca tumular com jacente de Afonso Eanes de Barroso, escudeiro do primeiro Duque de Bragança. No interior do arcossólio vemos uma inscrição funerária gravada, a que alude o



Alçado este.
Fresta da cabeceira

Interior. Abside

relator de 1758, cujo canto superior direito está cortado. Recentemente, Paula Bessa publicou a leitura desta epigrafe cujas letras, góticas minúsculas, estão pintadas a preto:

*Aqui:jaz:afomse:anes:bar/osso:oqual:foy:muito:bõrrado/
escudeiro:do:duq[eu]:de:b[r]agãca:fi/delrey de jon finouse na
e[ra] do s[enb]or de I iiij:/IX ano*

Na nave, o teto de caixotões policromo, o púlpito, o coro alto e o reboco dos muros convocam já um tempo litúrgico e artístico bem diferente do românico.

A bibliografia relativa ao românico português é omissa no que toca à igreja de Covas do Barroso, não obstante o caráter singular da sua fresta fundeira, por exemplo. Todavia, o que é certo é que este edifício foi profundamente transformado pelos séculos posteriores aos da sua construção, que tem vindo a ser conjeturalmente atribuída ao século XIII. Mas, tendo em conta alguns aspetos estruturais dos elementos românicos remanescentes, pode-se estar já diante de uma obra anunciadora da estética do gótico. A cronologia tardia do seu estaleiro, que se poderá colocar algures entre finais do século XIII, ter-se-á prolongado pelo século XIV. Durante o século XV teria esta freguesia alguma proeminência pois em 1409 fez-se aí sepultar Afonso Eanes de Barroso, conforme data inscrita na lápide que encima o seu túmulo. As campanhas posteriores, particularmente ao

nível da pintura mural e da atualização do aparato litúrgico, são também testemunho da importância desta igreja no tempo longo e na sua relação com a comunidade.

Em 2019, a igreja foi alvo de uma intervenção de restauro, no âmbito do projeto "Românico Atlântico", com vista a preservar o edifício classificado como Imóvel de Interesse Público, desde 1967.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, pp. 246-251; BESSA, P., 2007a, Anexo A, pp. 135-141; BOISSELLIER, S., 2012, p. 159; GEPIB, 1935-60, VII, p. 968; MARTINS, J.B., 1992, pp. 105-107; MEM. PAROQ. 1758 (2006), pp. 182-185; PMH, INQ., p. 1523 (de 1258); PMH, INQ., 1288-91, pp. 210-211; SIPA.